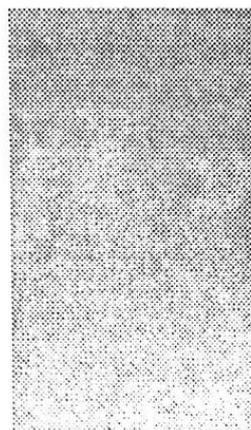


Geraldo Bonadio ()*

***Os modelos europeu e norte-
americano de ensino da
comunicação, numa visão
comparativa***

(*) Jornalista. Mestre em Ciências da Comunicação (Teoria da Comunicação). Coordenador do Curso de Comunicação Social da Universidade de Sorocaba



RESUMO

O ensino de comunicação no Brasil recebeu, entre outras, influências dos modelos europeu e norte-americano, que, no entanto, foram concebidos com finalidades diversas: prover o público e os estudiosos de informações sobre a mídia, no caso do primeiro, e formar profissionais destinados a nela atuarem, no das escolas dos Estados Unidos. Tais diferenciações propiciam um diálogo enriquecedor, entre as escolas de comunicação do Brasil com suas congêneres de um e outro lado do Atlântico, em busca de sínteses parciais das respectivas experiências.

ABSTRACT

The teaching of communication in Brazil has been influenced by European and North American patterns among others. However, they have been conceived with different objectives: in the first case to provide the public and scholars with information about the media; and in the American schools, to major students in the area.

Such differences afford a rich interchange between Communication Schools in Brazil and those on both sides of the Atlantic trying to share a synthesis of mutual experiences.

Rebatizada em 1953 de Karl-Marx Universitat, denominação que manteve enquanto a cidade em que se situava integrou o território da extinta República Democrática Alemã, a Universidade de Leipzig - fundada em 1409, por estudantes que, descontentes, haviam abandonado a Universidade de Praga - foi, até a Segunda Guerra Mundial, um dos maiores centros de estudos universitários da Alemanha.

Ela se avizinhava de seu terceiro século de existência quando, a 8 de março de 1690, Tobias Peucer ali defendeu uma tese de doutoramento - “**De relationibus novellis**” - tendo por objeto uma atividade que, à época, ganhava crescente importância, especialmente nas áreas de fala alemã do continente: o jornalismo.

Apenas três anos antes, a Universidade de Leipzig presenciara dois acontecimentos decisivos “para a ruptura do predomínio secular do latim como língua da ciência”. Em 1687, Christian Tomasius, docente famoso pela coragem com que se opôs à caça às bruxas, tomou a iniciativa de ministrar suas aulas em alemão. E, sem dar tempo à comunidade acadêmica de se refazer do choque ocasionado por tamanha audácia, ele se lança, logo em seguida, à publicação da primeira revista literária redigida no idioma vulgar.¹

Leipzig, portanto, era o cenário ideal para uma tese voltada para tema tão pouco comum, como a então produzida por Peucer.

Apesar disso, seria evidente exagero situar em 1690 o marco inicial dos estudos da comunicação na Alemanha. Aqueles que analisaram especificamente tal questão não elegem, como ponto de partida de tal atividade, nem mesmo o curso que, propondo uma reflexão sobre o impacto social do jornalismo, se ministrou, em 1806, na universidade da antiga Breslau - cidade que, hoje, com o nome de Wroclau e 1,1 milhão de habitantes, é um dos grandes centros urbanos da Polônia - ou a tese de doutoramento sobre jornalismo que, em 1907, Karl d’Ester defendeu na Universidade de Münster.

Tal condição, de ponto inicial dos estudos de comunicação, é atribuída à manifestação de Max Weber, em Frankfurt-sobre-o-Meno, durante as Primeiras Jornadas de Sociólogos Alemães, de 19 a 22 de outubro de 1910. Nela, o autor de “A ética protestante e o espírito do capitalismo” defendia a proposta de que o jorna-

1. STORIG, Hans Joachim. *A aventura das línguas. Uma viagem através da história dos idiomas do mundo*. São Paulo : Melhoramentos, 1993, p. 133.

lismo se convertesse em objeto da análise sociológica, principalmente em função das “relaciones de poder que crea la publicidad específica del periódico”².

O texto de Weber, só recentemente vertido para o espanhol, é, ainda hoje, de uma extraordinária atualidade. No entanto, para as finalidades específicas do presente artigo, o que importa considerar é que, no caso da Alemanha, todas as atividades de pesquisa da comunicação de massa, subseqüentes àquela proposta - tanto as desenvolvidas nos diferentes institutos de jornalismo, organizados após a fundação, em 1916, do de Leipzig, quanto as encetadas em Universidades como as de Munich e Münster - estiveram sempre mais voltadas para o objetivo de municiar os estudiosos e o público com informações acerca do jornal e de outros meios de comunicação que para a formação de profissionais destinados a atuarem na mídia.³

Essa clara delimitação de finalidades não impediu, entretanto, que houvesse um acalorado debate entre os que, como Otto Groth, buscavam criar o embasamento teórico de uma ciência do jornalismo e aqueles que entendiam deverem os esforços acadêmicos voltar-se para uma tarefa mais abrangente, o estabelecimento da ciência da publicística, que se ocuparia do conjunto de meios de comunicação.⁴

Os estudos de comunicação na Alemanha foram truncados pela Segunda Guerra Mundial. Até então, muitos conhecimentos de natureza prática haviam sido acumulados. Eles acabaram tendo o pior destino possível: foram instrumentalizados pelos nazistas, a contar do momento em que ascendem ao poder, em janeiro de 1933.

Beth e Pross, no texto anteriormente mencionado, transcrevem trecho de uma tese defendida em Leipzig, em 1935, na qual se diz, expressamente, que a ciência do jornalismo

“debe efetuar-se con auténtico espíritu nacionalsocialista”

e que

“puede convertir-se en un peligro para el Estado si la enseñan los legos o si educa en la crítica a las medidas de propaganda (...)”⁵

Apesar daquele truncamento, os padrões cultivados na Alemanha no período que precede a ascensão nazista influenciaram, de algum modo, a postura da

2. WEBER, Max. *Para una sociología de la prensa*. Introdução de Enrique Martín Lopez. Reis, Madri, v. 57, p. 247-59, 1992.

3. BETH, Hanno, PROSS, Hemy. La ciencia de la comunicación (publicística) en la Republica Federal de Alemania. In: *Introducción a la ciência de la comunicación*. Madri : Anthropos, 1987, p. 13-46.

4. Op. cit., p. 13-46.

5. Op. cit., p. 39-40.

generalidade das Universidades européias, face à comunicação social, gerando atividades orientadas basicamente para a produção de conhecimentos acerca da mídia e, de modo geral, não compromissadas com a qualificação dos que nela desejavam atuar. A mudança só se inicia nos pós-guerra e tem se acelerado em anos recentes.

As experiências norte-americanas no campo do ensino da comunicação, inversamente, se direcionam, desde seus primórdios, para outros objetivos.

Em 1869, na Virgínia, o General Robert E. Lee, então reitor da atual Universidade Washington e Lee, à época Washington College, propôs que a instituição criasse cursos especiais, voltados para a qualificação de impressores-editores. O propósito do herói sulista da Guerra da Secessão não prosperou, mas, em 1873, o Kansas State College deu efetivo início a um programa semelhante.

As iniciativas das Universidades de Illinois e de Winsconsin, em 1904, da Universidade do Missouri, em 1908, e da Escola de Jornalismo Pulitzer, da Universidade de Columbia, em 1912, buscavam, todas elas, a formação do jornalista, com uma ampla base humanística, em nível de graduação, nos primeiros casos, e de pós-graduação, no de Columbia. Mas em todos eles, assim como na formação oferecida pelos *colleges*, que habilitam para o exercício profissional independentemente do grau acadêmico, há ao menos duas notas comuns, que cumpre ressaltar: o direcionamento para a atividade prática e o estreito relacionamento com os proprietários dos meios de comunicação e suas entidades de classe.⁶

A ampla liberdade de manifestação do pensamento, garantida pela Primeira Emenda à Constituição Americana, certamente muito tem a ver com essa pluralidade de mecanismos de preparação do jornalista, pois, contrariamente ao que se imagina por vezes, os mecanismos de licenciamento profissional que importam em restrições ao livre exercício profissional são, nos EUA, numerosos e complexos em outras áreas.⁷

Fixadas tais premissas, é possível concluir que: a) o ensino de comunicação, na Europa, estruturou-se inicialmente a partir de objetivos diversos daquele surgido nos Estados Unidos; b) em data recente, os europeus têm buscado imprimir um sentido mais pragmático aos estudos de comunicação, sendo numerosos os institutos surgidos, em diferentes países, com tal finalidade; c) essas diversas maneiras de encarar a contribuição da escola à formação do

6. EMERY, AULT & AGEE. Adestramento en el campo de la comunicación de masas. In: EMERY Edwin at al. **Las comunicaciones en el mundo actual**. Cali (Colombia), Norma, 1967, p. 549-84.

7. FRIEDMAN, Milton. Licenciamento ocupacional. In: **Capitalismo e liberdade**. Rio de Janeiro : Artenova, 1977, p. 119-136.

jornalista e de outros profissionais da mídia tiveram e continuam tendo reflexos sobre os experimentos brasileiros na mesma área e d) tais diferenciações propiciam um diálogo interessante e enriquecedor entre os centros de preparação dos profissionais de comunicação social de um e de outro lado do Atlântico, em busca de sínteses parciais das respectivas experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETH, Hanno, PROSS, Herny. **Introducción a la ciência de la comunicación**. Madri: Anthropos, 1987.
- EMERY Edwin et al. **Las comunicaciones en el mundo actual**. Celi, Colombia: Norma, 1967.
- FRIEDMAN, M. **Capitalismo e liberdade**. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.
- STORIG, H. J. **A aventura das línguas: uma viagem através da história dos idiomas do mundo**. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- WEBER, Max. **Para una sociologia de la prensa**. Introdução de Enrique Martín Lopez. Reis, Madri, 1992.